



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CURSO DE ARTES VISUAIS**

LIZAIA CAROLINE LADISLAU

**A IMAGINAÇÃO DA CRIANÇA E SUA EXPRESSÃO POR
MEIO DA ARTE**

VITÓRIA
2018

LIZAIA CAROLINE LADISLAU

A IMAGINAÇÃO DA CRIANÇA E SUA EXPRESSÃO POR MEIO DA ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Artes Visuais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Margarete Sacht Góes

VITÓRIA

2018

LIZAIA CAROLINE LADISLAU

A IMAGINAÇÃO DA CRIANÇA E SUA EXPRESSÃO POR MEIO DA ARTE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciatura em Artes Visuais.

Vitória, _____ de _____ de 2018.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Margarete Sacht Góes
Universidade Federal do Espírito Santo

Orientadora

Prof.^a Dr.^a Maira Pêgo Aguiar
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof.^a Dr.^a Stela Maris Sanmartin
Universidade Federal do Espírito Santo

Dedico este trabalho a Deus e a minha mãe.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter iluminado toda minha trajetória na faculdade e me dado forças para nunca desistir.

À minha mãe, Edna, pelo incentivo e atenção nos momentos que mais precisei.

À minha tia, Thati, e à minha prima, Allana, pelo cuidado e proteção.

À tia Bia, pelo suporte.

À minha professora e orientadora, Margarete Sacht Góes, que me acolheu como sua orientanda, pela paciência e dedicação.

Ao meu namorado, Junior, pelo carinho e apoio.

A toda minha família, pelo incentivo.

Às minhas amigas, Fernanda e Isis, pela amizade e pelos momentos alegres que passamos na faculdade.

E a todos que contribuíram para minha formação direta ou indiretamente.

RESUMO

A presente pesquisa tem como propósito refletir sobre como a imaginação é fundamental para que a criança possa expressar sua criatividade, seja por meio do desenho, da literatura ou da brincadeira. Objetiva ainda, analisar diferentes atividades artísticas, com o intuito de discorrer sobre como a criança desenvolve sua imaginação e sua expressão por meio da Arte. Reflete sobre o ensino da Arte e suas potencialidades e então, infere sobre a importância da literatura para os processos de criação na infância. Como fundamento teórico, utiliza os estudos do psicólogo Lev Vygotsky, que apresenta sua pesquisa pautada na aprendizagem das crianças por meio da interação social. Este trabalho se constitui em um estudo de caso, com abordagem qualitativa dos dados, realizada em uma escola em Cariacica (ES), com crianças de seis anos de idade. As atividades buscaram estimular o imaginário infantil através de uma narrativa, fazendo com que as crianças se expressassem por meio do desenho.

Palavras-chave: Imaginação. Criança. Ensino da Arte.

LISTA DE TABELAS

| | |
|---|----|
| Tabela 1 - Cronograma de atividades..... | 26 |
|---|----|

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Tucano feito pela professora | 30 |
| Figura 2 - Tucano feito pelas crianças do 1º ano | 31 |
| Figura 3 - Tucano feito pelas crianças do 1º ano | 31 |
| Figura 4 - Tucano feito pelas crianças do 1º ano | 31 |
| Figura 5 - Tucano amarelo, preto, branco e vermelho no galho (2006)..... | 32 |
| Figura 6 - Tucano (2006)..... | 32 |
| Figura 7 - Contação de Histórias 1º ano D | 33 |
| Figura 8 - Contação de Histórias 1º ano E | 33 |
| Figura 9 - Livro “O Grúfalo”, de Julia Donaldson | 34 |
| Figura 10 - Livro “O Grúfalo”, de Julia Donaldson | 35 |
| Figura 11 - Livro “O Grúfalo”, de Julia Donaldson | 35 |
| Figura 12 - Livro “O Grúfalo”, de Julia Donaldson | 35 |
| Figura 13 - Grúfalo 1º ano D | 36 |
| Figura 14 - Grúfalo 1º ano D..... | 36 |
| Figura 15 - Grúfalo 1º ano D..... | 37 |
| Figura 16 - Grúfalo 1º ano E..... | 38 |
| Figura 17 - Grúfalo 1º ano E..... | 38 |
| Figura 18 - Grúfalo 1º ano E..... | 39 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1 INTRODUÇÃO | 9 |
| 2 A IMAGINAÇÃO DA CRIANÇA E A ARTE | 11 |
| 3 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE NA INFÂNCIA | 15 |
| 4 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA OS PROCESSOS CRIATIVOS NA INFÂNCIA | 20 |
| 5 REFERENCIAL TEÓRICO | 23 |
| 6 METODOLOGIA | 25 |
| 6.1 A PESQUISA | 26 |
| 7 ANÁLISE DOS DADOS | 28 |
| 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS | 40 |
| REFERÊNCIAS | 42 |

1 INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema pesquisado surgiu a partir de um texto da autora Gilka Girardello (2011), no qual ela aborda assuntos acerca da imaginação infantil. Ao ler o texto, lembrei aspectos da minha infância, em que passava horas imaginando, inventando histórias e rabiscando meus próprios personagens. E assim, iniciei a pesquisa, que tem por objetivo analisar diferentes atividades artísticas com o intuito de refletir sobre como a criança desenvolve sua imaginação e sua expressão por meio da Arte. Abordaremos ainda, a atividade imaginativa da criança por meio de desenhos, pinturas, literatura e nas brincadeiras. Refletiremos sobre como a atitude dos adultos e do professor exerce influência ou intervém na produção artística da criança e então, discutiremos a importância do desenho e como a literatura contribui no processo imaginativo na infância.

Ostetto menciona em seu artigo "*Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis*" (2011, p. 1), que as crianças "[...] são novidadeiras, criam mundos e fundos; brincam com tudo que está a sua volta [...] experimentam, montam e desmontam [...] viajam na imaginação". É interessante observar que, por meio das brincadeiras, das descobertas e da imaginação surgem novas ideias e possibilidades de a criança se relacionar com a vida.

Girardello (2011, p. 76) escreve em seu texto "*Imaginação: arte e ciência na infância*" que "[...] a criança tem a necessidade da emoção imaginativa que vive por meio da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza".

Compreende-se então que, assim como a imaginação contribui para a criação artística, o ensino da Arte também propicia o processo imaginativo da criança, ao trabalharmos com as diferentes manifestações artístico-culturais, com os processos experienciados, envolvendo todos os sentidos e todas as linguagens das crianças.

Assim, esta pesquisa corresponde a um estudo de caso com abordagem qualitativa dos dados. A escolha desse tipo de pesquisa se deu pela necessidade de ir a campo observar o comportamento das crianças ao se relacionarem com a Arte e coletar dados e fotografias para análises reais sobre o comportamento infantil diante dos

processos criativos. A pesquisa foi realizada em uma escola, localizada em Cariacica (ES), com crianças de 6 anos de idade. Foram realizadas sete observações em duas turmas, sendo elas 1º ano D e E, e uma dessas observações foi participativa. Para a produção de dados, foram utilizadas fotografias, vídeos, anotações e registros das falas das crianças.

Para fundamentar teoricamente este estudo, buscamos na perspectiva vygotskiana a base para compreendermos esse processo.

Nesse sentido, a relevância da pesquisa consiste em analisar e discutir aspectos acerca da imaginação da criança, e como acontece a sua expressão por meio da Arte. Aspectos estes tão presentes em nossas vidas, pois todos nós passamos pela infância, e de alguma forma manifestamos nossa imaginação por meio de práticas artísticas, sejam elas a dança, o desenho, o teatro, a literatura, a música e também as brincadeiras, ou seja, todas as manifestações artístico-culturais às quais as crianças têm acesso.

A justificativa pela qual me propus a realizar esta pesquisa está no fato de acreditar que a imaginação é fundamental para o desenvolvimento da criatividade infantil, pois compreendo que é por meio dela que exprimimos não somente a realidade que nos cerca, mas também aquilo que é irreal, mas potente de possibilidades.

Diante do exposto, este trabalho apresenta, no segundo capítulo, aspectos que abordam a importância da imaginação infantil para o seu processo artístico a partir de uma revisão de literatura, apresentando como a imaginação e a percepção de mundo são significativos na produção artística infantil. Assim, no terceiro capítulo, faremos uma reflexão sobre o ensino da Arte e no quarto capítulo explanaremos acerca da relevância da literatura na infância. Haja vista que nossa pesquisa teve por objetivo estabelecer um diálogo entre Arte e Literatura nos processos de imaginação.

Na sequência, no quinto capítulo, apontaremos nosso referencial teórico e no sexto, a metodologia adotada, optamos pelo estudo de caso com abordagem qualitativa dos dados.

No sétimo capítulo faremos a análise dos dados levantados durante a pesquisa, e ao final, traremos nossas considerações finais.

2 A IMAGINAÇÃO DA CRIANÇA E A ARTE

Não é novidade que todo adulto já foi criança. Muito menos que toda criança brinca, imagina, inventa, cria e de alguma forma quer deixar sua marca no mundo. Também não é difícil ouvir alguém dizendo que estava olhando para as nuvens, ou se pegou observando alguma mancha na parede e dali surgiram desenhos, figuras, cenas.

Essas mesmas pessoas nos perguntam se conseguimos ver as imagens que elas estão vendo nas nuvens ou na parede. Quase sempre com pressa ou impacientes não conseguimos descobrir e contemplar essas figuras criadas a partir da imaginação. Girardello (2011, p. 78) salienta que “[...] ver animais e castelos nas nuvens, o rosto na lua cheia e paisagens fantásticas nos veios da madeira, precisa do ócio, de momentos sem pressa em que a imaginação possa atuar plenamente, nos interstícios da percepção”.

Quando nos permitimos criar algo em nossa imaginação, criamos a partir do que conhecemos, percebemos e que guardamos em nossas memórias. Vygotsky (2009) cita que:

A atividade criadora da imaginação se encontra em relação direta com a riqueza e a variedade da experiência acumulada pelo homem, porque esta experiência é o material com que a fantasia erige os seus edifícios. Quanto mais rica seja a experiência humana, tanto maior será o material de que dispõe essa imaginação (VYGOTSKY, 2009, p. 17).

Esse processo de criação a partir de nossa percepção de mundo acontece não só com adultos, mas principalmente com as crianças em suas representações gráficas. Girardello (2005, p. 3) aponta que a “[...] infância é a grande fonte de nossa vitalidade imaginativa e que a imaginação é uma faculdade que se desenvolve em um contínuo, ao longo de toda nossa vida”.

Desse modo, percebemos que em todas as fases de nossas vidas, nós imaginamos, mas é na infância que nos permitimos fantasiar, criar. E quando nos autorizamos a tal, isso reverbera de forma inimaginável na idade adulta. A autora ainda cita que:

[...] a imaginação na infância tem uma sensibilidade especial, que as crianças tendem a se entregar mais livremente à fantasia, e que da plenitude da experiência imaginária na infância depende em boa parte a saúde psicológica na idade adulta (GIRARDELLO, 2005, p. 3).

Apesar de a criança ter uma maior facilidade de imaginar e fantasiar que o adulto, ela precisa de ambientes que estimulem a sua imaginação, do contato com a natureza e da relação com as diferentes linguagens como a música, o teatro, a literatura e a Arte. Girardello (2011) faz uma referência a Bachelard (1990;1994), na qual ele denota a importância do contato com a natureza para o estímulo imaginativo. Ela escreve que:

Para Bachelard, a relação com a natureza é mesmo a grande matéria da imaginação infantil: “o devaneio na criança é um devaneio materialista. A criança é um materialista nato. Seus primeiros sonhos são os sonhos das substâncias orgânicas” (1994, p. 9), diz Bachelard, remetendo aos elementos — o fogo, o ar, a água e a terra — que para ele são “os hormônios da imaginação” (1990, p. 12) (BACHELARD, 1990; 1994 *apud* GIRARDELLO, 2011, p. 78).

Constatamos então que, a percepção de mundo, o contato com a natureza, a literatura, o teatro, a música e as artes visuais são fatores primordiais para estimular o imaginário infantil. E a partir desses princípios a criança quer expressar suas fantasias. E é através da brincadeira e do desenho que, de acordo com Vygotsky, é a atividade preferencial da criança, que isso comumente ocorre:

Para Vygotsky, as crianças pequenas desenhavam o que guardam em sua memória, sem levar em conta o natural, ou seja, elas desenhavam o que conhecem, não aquilo que veem. Além disso, a criança quando desenha é muito mais simbolista que naturalista, sem se preocupar em absoluto com semelhanças e exatidões (BARBOSA, 2013, p.58).

Nessa perspectiva, acreditamos que, quanto mais vivências, experiências e percepções são proporcionadas à criança, mais ela se permite fantasiar, criar e, de alguma forma, expressar sua imaginação, seja por meio da dança, da música, das artes visuais, da brincadeira, da literatura ou de práticas artísticas. Girardello diz que a imaginação da criança:

[...] move-se junto — comove-se — com o novo que ela vê por todo o lado no mundo. Sensível ao novo, a imaginação é também uma dimensão em que a criança vislumbra coisas novas, pressente ou esboça futuros possíveis. Ela tem necessidade da emoção imaginativa que vive por meio da brincadeira, das histórias que a cultura lhe oferece, do contato com a arte e com a natureza, e da mediação adulta: o dedo que aponta, a voz que conta ou escuta, o cotidiano que aceita (GIRARDELLO, 2011, p. 76).

Apesar de toda criança imaginar e brincar, nem sempre ela tem a oportunidade de estar em contato com movimentos artísticos, de visitar museus, galerias ou perceber, de maneira crítica, a cultura visual na qual está inserida, ou seja, estar em contato e atenta a estas questões. Mas toda criança em algum momento de sua vida desenha.

Se não tem acesso a folha de papel, rabisca na parede, no chão, cria formas passando o dedo sobre areia ou em qualquer superfície disponível. A importância do desenho para o desenvolvimento infantil é essencial para que a criança se manifeste, e se comunique com o mundo. Ostetto (2011) cita Derdyk dizendo que:

A criança enquanto desenha canta, dança, conta histórias, teatraliza, imagina ou até silencia... O ato de desenhar impulsiona outras manifestações, que acontecem juntas, numa unidade indissolúvel, possibilitando uma grande caminhada pelo quintal do imaginário (DERDYK, 1989, p. 19 *apud* OSTETTO, 2011, p. 10-11).

A criança quando desenha, cria e expõe sua percepção de mundo juntamente com sua imaginação. Nesse sentido, Ostetto (2011) novamente referencia Derdyk (1989) reafirmando sua compreensão de desenho. Ela diz que é preciso compreendermos o desenho como linguagem, como “[...] produção carregada de significado”.

Ao desenhar, a criança diz de si e do mundo que está conhecendo, descobrindo, desvendando: “O desenho é a manifestação de uma necessidade vital da criança: agir sobre o mundo que a cerca; intercambiar, comunicar” (DERDYK, 1989, p. 51 *apud* OSTETTO, 2011, p. 10).

O meio em que a criança vive, suas relações, aspectos sociais e culturais, exercem certa influência em suas representações gráficas. Se pedirmos a uma criança que vive em um país onde o clima é usualmente frio e a uma que vive no Brasil, onde o clima é ordinariamente quente, que desenhem neve, provavelmente as representações serão bastante diferentes, pois a criança que vive no país frio tem experiências diferentes da que vive no país quente e vice e versa. Mas ambas imaginam e, conseqüentemente, irão colocar em seus desenhos suas fantasias em conjunto com noções do mundo real. Wiggers (2005) salienta em seu artigo que:

[...] de um ponto de vista histórico, os desenhos das crianças não estariam aprisionados ao determinismo social. Eles dariam às crianças, sendo uma linguagem, a possibilidade de (re)significar, (re)inventar e virtualmente transgredir a própria realidade na qual se inserem. O desenho das crianças, ao mesmo tempo em que se realiza numa dada realidade social, poderá vir a modificá-la, pois também é expressão de uma cultura instituinte, o campo social aberto de possibilidades (GUSMÃO, 1999 *apud* WIGGERS, 2005, p. 75).

Concordando com os autores acima, quando eles afirmam que o desenho da criança é uma expressão de uma cultura instituinte, acreditamos que cada uma delas coloca, em seus desenhos, um pouco de suas vivências, cultura e experiência estética. Góes e Gontijo (2017) sustentam que:

[...] o desenho constitui a atividade artística preferencial das crianças, e sua origem, como atividade gráfica, pode ser encontrada nos rabiscos, a mesma origem da escrita. Em determinadas situações, ao desenhar, a criança relata a construção de suas produções como se narrasse uma história. Linguagem oral e grafismos se misturam no processo de construção de sentidos. Um mesmo rabisco pode significar diferentes objetos ou pessoas, dependendo do modo como às crianças narram seus desenhos (GÓES; GONTIJO, 2017, p. 211).

Sendo assim, ao analisar o desenho como uma linguagem, como enunciado,¹ é preciso compreender que em algumas dessas situações de interação, quem tem voz, quem enuncia é também quem responde, produz, quem cria ou talvez quem contempla. A criança, mesmo sem saber ler ou escrever, narra histórias através de suas representações gráficas, cria seus próprios personagens e infinitas possibilidades em suas narrativas.

Barbosa (2013, p. 17) escreve que o desenho infantil exprime a afetividade antes mesmo do conhecimento, e é para a criança uma expressão de mundo. No desenho a criança coloca muito de si, seu sentimento, seu conhecimento, o desenho se torna para ela algo valoroso. Nesse contexto, é crucial que o adulto respeite a produção da criança.

Ostetto (2011, p. 12) situa um trecho de Derdyk, no qual ela diz que há uma identidade entre a criança e seu desenho, em que produção e produtor se fundem. Na opinião da autora:

Ao desconsiderarmos o desenho em processo, estaremos igualmente desconsiderando a criança, sua história, seus sentimentos, seus sonhos, suas experiências. Mais do que um exercício, o desenho como produto é sua vida, portanto, esta não pode ser desvalorizada (OSTETTO, 2011, p. 12).

Para considerarmos a relação e a fusão do produto e do produtor, se faz necessário pensar também como essas relações são mediadas dentro da escola, portanto abordaremos o ensino da Arte no próximo capítulo. Para tanto, refletiremos sobre o papel do adulto e do professor acerca da mediação no ensino da Arte e qual a importância dele no processo artístico e de criação da criança, e até onde deve haver interferência.

¹ Para saber mais sobre o desenho como enunciado no processo de apropriação da linguagem escrita, ver a tese de Góes (2014), intitulada *As relações entre desenho e escrita no processo de apropriação da linguagem escrita*.

3 REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA ARTE NA INFÂNCIA

O ensino da Arte é amplo e tem inúmeras possibilidades, diferentemente do que muitos pensam, há muito conteúdo para ser abordado em sala de aula. Nesse campo de conhecimento, várias dimensões devem ser exploradas como a criatividade, a imaginação e a autonomia da criança na produção das atividades artísticas. Ferreira salienta em seu livro “*A criança e a Arte*” que é preciso:

[...] encorajar a iniciativa, a criação de trabalhos por meio de seu próprio esforço, levar a criança a descobertas por si mesma, a inventar e criar suas ideias, não dar respostas prontas para todas as indagações, não permitindo, assim, que a criança dependa do pensamento alheio (FERREIRA, 2007, p. 22).

Entretanto, o que temos visto nas escolas, principalmente nas de Educação Infantil e nas séries iniciais do Ensino Fundamental, é que as atividades se resumem na reprodução de técnicas que advêm das Escolinhas de Arte criadas por Augusto Rodrigues, em 1948. Mesmo existindo inúmeras técnicas como as de colagem, desenho, pintura, mosaico, fotografia, e diversas outras, temos ainda algumas escolas que priorizam a utilização de desenhos mimeografados e promovem aulas de Arte que resultam na produção de exercícios relacionados a datas comemorativas. Ferreira (2012) coloca que:

O desenho mimeografado, o desenho pronto, deve ser abolido das atividades artísticas da criança, pois sua prática interfere negativamente no desenvolvimento da criança, no processo de percepção, no raciocínio e na criatividade (FERREIRA, 2012, p. 46).

Concordando com Ferreira (2012), quando ela sugere que a prática do desenho mimeografado interfere de maneira negativa no processo de criatividade da criança, acrescentamos que, esse tipo de atividade, também priva a criança de experimentar outras possibilidades artísticas. Fazendo com que ela perca o interesse pela Arte, antes mesmo de saber o que é Arte.

Como futura docente, acredito que o ensino da Arte vai muito além de fornecer à criança um desenho pronto para que ela possa colorir. Como adultos e educadores, devemos proporcionar à ela diversas possibilidades e experiências, como também contato com as inúmeras manifestações artísticas e culturais existentes na história da humanidade, sem proselitismos. Nos perguntamos então, como podemos contribuir

para que as crianças possam expressar suas fantasias por meio das linguagens artísticas? Como podemos proporcionar isso a elas? Barbosa referencia que:

O envolvimento da criança com a arte, com a experiência estética é uma das principais formas para fazer o imaginário da criança brotar, florescer. Para imergir no universo da experiência da arte, também são necessárias duas condições favoráveis ao brilhar do imaginário: tempo e paciência. Essas condições devem partir do adulto enquanto mediador de suas experiências (BARBOSA, 2013, p. 48).

Acredita-se que o adulto, enquanto mediador das aprendizagens da criança e o professor, como mediador qualificado para o ensino da Arte e das experiências infantis, devem assegurar à ela a relação com a cultura, literatura, arte e viabilizar as experiências estéticas e estésicas.

Proporcionando visitas a espaços expositivos, galerias, museus, teatro, e a outros espaços ricos culturalmente. Também é importante que o professor leve a criança a perceber a rua como potência cultural, pois nela podemos encontrar a Arte Urbana. Nesse sentido, torna-se imprescindível que ele forneça diversos materiais para estimular a expressão, criação e seu desenvolvimento, além de estimulá-la a perceber que sua cultura compõe suas identidades e a maneira como vai se constituindo na vida. Oliveira em "*A expressão plástica para a compreensão da cultura visual*" (2007) explana que:

Baseada a experimentação e exploração de materiais, na manipulação de instrumentos de trabalho e na concretização de técnicas diversificadas, a criança desenvolve um conjunto de destrezas manuais capazes de orientar no processo artístico (OLIVEIRA, 2007, p. 68).

Barbosa (2013) também se posiciona sobre a importância do envolvimento do adulto no desenvolvimento da produção infantil. Ela cita que:

[...] a expressão gráfica adquire uma enorme importância para o desenvolvimento da criança, sendo importante o envolvimento do adulto, no mínimo, para lhe disponibilizar materiais, pois, para que a criança se sinta confiante para elaborar as suas representações, o meio ambiente deve ser estimulante (BARBOSA, 2013, p. 47).

Mas, além de fornecer materiais, é preciso que o educador esteja minimamente atento a dois importantes aspectos: primeiro que ele compreenda a importância da sua mediação no processo de aprendizagem da crianças, pois sua função não é somente organizar e disponibilizar materiais, como propõe a psicologia desenvolvimentista e que é defendida pelo construtivismo; segundo, é que o professor permita que a

criança seja livre para fazer o uso desses materiais sem impor, por exemplo, que não sujem a roupa ou o chão.

Ostetto (2011) dispõe de um trecho de Ritche (1999), no qual ela infere que “[...] para que possam propor às crianças situações favoráveis à ação de pintar, é necessário que os educadores repensem suas concepções sobre sujeira”, e complementa o pensamento de Ritche relatando que

A experiência estética é, também, uma experiência de liberdade, de possibilidades de escolha. Desde a localização/ocupação espacial para a realização de um projeto, até a seleção de materiais, escolhas de cores, formas, tamanho de papéis etc. Quantas vezes disponibilizamos às crianças diferentes tipos de papéis como base para suas produções gráfico-pictóricas? Costumamos oferecer papéis em diferentes tamanhos para escolherem quais são mais adequados ao que pretendem fazer/dizer/expressar? Quantas vezes lhes perguntamos quais são suas preferências? (OSTETTO, 2011, p. 10).

Acredita-se que quanto mais liberdade, materiais e experiências estéticas forem proporcionadas à criança, mas ela terá autonomia e criatividade em suas produções. Cabe ao adulto ou, como afirma Vygotsky (2009), a outro mais experiente, orientar a criança, estimular sua criação, mediar sua aprendizagem questionando-a, levando-a a refletir sobre as suas produções e a dos amigos.

Lev Vygotsky (2009, p. 25) menciona em seu livro “Imaginação e criação na infância” que o indivíduo pode imaginar o que não viu, e o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal. Nessa perspectiva, coadunamos com ele, pois é através da imaginação que criamos o extraordinário e o singular e, quando somos crianças, o extraordinário se faz presente em nossas ações por meio das brincadeiras e das práticas artísticas.

De acordo com Vygotsky (2009, p. 22), “[...] quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela”. Nesse sentido, é de extrema relevância que os adultos proporcionem às crianças diferentes experiências e atividades que estimulem a imaginação.

No contexto escolar, é necessário que o professor se atente às diferenças no processo de produção de cada criança, para que ela não se sinta insegura durante o fazer artístico. Arslan e Lavelberg (2006) enfatizam que:

A área de arte requer encaminhamentos específicos porque além dos conteúdos da própria arte, deve considerar o temperamento de cada aluno, que compõe suas ações, sua marca pessoal, ou seja, o plano da subjetividade dialoga com as informações e orientações oferecidas (ARSLAN; IALVELBERG, 2006, p. 8).

Barbosa (2013, p. 42) diz que os padrões artísticos do professor devem estar submetidos às necessidades da criança nas aulas de Arte. O que se deve considerar é o processo e não o produto. Ela reforça seu discurso com uma citação de Lowenfeld e Brittain (1977), na qual eles dizem que:

Para a criança, a arte é algo muito diferente e constitui, primordialmente um meio de expressão, enquanto que para os adultos, ela está usualmente associada a área da estética, da beleza externa (LOWENFELD; BRITTAİN, 1977, p. 18-19 *apud* BARBOSA, 2013, p. 42).

Considerando então a Arte como linguagem, inferimos que a criança se apropria dela para dar vazão à sua imaginação, ao seu mundo subjetivo, ao pensar e ao agir, e desenvolver-se sem impasses, com liberdade. Oliveira (2007, p. 69) ressalta que é necessário que os educadores “[...] proporcionem às crianças a participação no processo criativo das mesmas e que reflitam sobre o que produziram e suas etapas de criação sensibilizando-as para a arte”.

No ambiente escolar, às vezes, observamos uma ou outra criança quieta, enquanto o resto da turma se encontra agitada. Nesse sentido, nem sempre quando a criança está quieta, precisa de algum tipo de interferência adulta. A esse respeito, Girardello (2011) aponta que:

Nem sempre a criança que se mostra momentaneamente parada, com o olhar fixo e aparentemente vago, precisa naquele instante da interferência automática do adulto para que faça alguma coisa, para que se envolva com os colegas ou com alguma outra proposta em andamento na sala. Às vezes, ela pode estar em plena elaboração imaginária, vivenciando o devaneio, que é parte fundamental de sua vida subjetiva (GIRARDELLO, 2011, p. 78).

Ostetto (2011) coloca em pauta o papel da escola e creches em relação a Arte, quando diz que “[...] é evidente a dificuldade da escola em lidar com a arte, com a poética da vida que pressupõe espaço para a imaginação, a criação e, como parte do processo, espaço para dúvida e para o erro” (OSTETTO, 2011, p. 4). Em nossa perspectiva, o erro faz parte do processo de criação e experimentação da criança e, a partir dele,

podem surgir novas ideias que estimulam o imaginário e impulsionam o fazer artístico infantil por meio do vivido, do experienciado.

Ainda sobre o papel do educador em relação ao ensino da arte, Luciana Mourão Arslan e Rosa Iavelberg, abordam no texto “Ensino de Arte” (2006), que mesmo quando o professor segue a proposta curricular determinada pela escola, é importante que ele propicie encontros, nos quais as crianças possam desenvolver e criar suas próprias propostas, associando recursos técnicos e conceituais em seus projetos individuais.

Torna-se importante também que o educador apresente às crianças obras de arte de diferentes artistas, leve-as a visitar exposições, e as coloque em contato com outras culturas, mas que também as ajude a pensar no que realmente pode ser considerado como objeto de Arte. As autoras se apoiam nos pensamentos de Viktor Lowenfeld (1947), grande estudioso do desenho infantil e dos processos de criatividade, elas afirmam que:

Para ele o desenvolvimento e a aprendizagem devem ser automotivados, cabendo ao professor criar as condições para isso com propostas que aproximem a criança de suas próprias experiências e a reassegurem de suas capacidades. A proposta de Lowenfeld dignifica o papel da criança nos atos de criação e aproxima a estética da infância de seus valores e experiências (ARSLAN; IAVELBERG, 2006, p. 73).

Nesse sentido, consideramos que o professor e a escola não devem, em hipótese alguma, tentar apagar a bagagem de vivências que a criança traz consigo para o ambiente escolar. Pois, essa bagagem cultural e de conhecimentos prévios servirá de base para que ela desenvolva as competências previstas no currículo escolar.

Acredita-se então, que o ensino da Arte na infância contribui de maneira significativa para os processos criativos e a imaginação das crianças.

Entretanto, para que isso ocorra, é preciso lançar mão das experiências de vida das crianças, pois Arte é expressão, é processo, é cultura, é história. Como afirma Iavelberg (2013-2014, p. 54), “[...] O ensino da Arte está ligado à história da Arte, da Educação e da Criança”.

4 A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA PARA OS PROCESSOS CRIATIVOS NA INFÂNCIA

Neste trabalho, busca-se analisar as diferentes atividades artísticas, com o intuito de refletir sobre como a criança desenvolve a imaginação e a expressão por meio da Arte e, para dialogar com essa área do conhecimento, trazemos a Literatura, por entendermos que esta, possui uma profunda importância no processo do imaginar infantil. Pois a criança que ouve histórias ou assiste peças teatrais, está mais propensa a ter estimulada a sua imaginação e seus processos de criação. Girardello (2005, p. 9) diz que “[...] O florescimento da imaginação infantil depende muito de que ela possa nadar, brincar, chapinhar, num rico mar-de-histórias, que seja como um plâncton fértil sempre a gerar mais histórias”.

Quando, por exemplo, narramos uma determinada história para um grupo de crianças, cada uma delas irá imaginar um personagem diferente, e se pedirmos que desenhem o que elas imaginaram, teríamos uma imensa gama de distintas propostas. Porquanto, a criança desenha a partir daquilo que ela conhece, e a criação do desenho se dá a partir da imaginação, da sua percepção de mundo e de aspectos culturais.²⁰ Girardello (2011) destaca que:

A necessidade de história tem sido identificada como um aspecto central na vida imaginária da criança. As histórias permitem um exercício constante da imaginação em seu aspecto mais visual. Isso ocorre em relação aos contos literários quanto aos casos contados no meio de conversas, tão apreciados pelas crianças (GIRARDELLO, 2011, p. 82).

Ao escutar uma história a criança imagina o espaço onde se passa a narrativa, os personagens e seus trajes, assim como outros elementos que são descritos no texto. Essa afirmação coaduna-se com pensamento da autora supracitada, quando ela afirma que “[...] As histórias permitem um exercício constante da imaginação”.

Nesse sentido, acredita-se que a partir dessas histórias e do imaginário, a criança terá uma maior criatividade em suas expressões gráficas e brincadeiras. Algumas histórias aguçam, em nós adultos e principalmente na criança, a fantasia, o irreal. São as histórias que nos permitem sonhar e misturar a fantasia com a realidade.

Ainda sobre o assunto, apoiamo-nos em Vygotsky (2009), quando ele aponta que:

Isso ocorre porque as emoções provocadas em nós pelas imagens artísticas fantásticas das páginas de um livro ou do palco de teatro são completamente reais e vividas por nós de verdade, franca e profundamente. Muitas vezes uma simples combinação de impressões externas - por exemplo, uma obra musical - provoca na pessoa que a ouve um mundo inteiro de vivências e sentimentos (VYGOTSKY, 2009, p. 28-29).

Nesse sentido, é importante que o adulto, ao narrar histórias para crianças, gesticule, mude a entonação da voz quando necessário, provoque a imaginação, enfim, transporte a criança para o mundo do faz de conta. Ainda de acordo com Vygotsky (2009, p. 30) tanto o sentimento quanto o pensamento movem a criação humana. Logo, se a criança pensa e imagina, ela se sentirá motivada a criar.

Girardello (2011) menciona Singer e Singer (2007), eles observam que:

[...] as habilidades necessárias para a atividade do faz de conta podem ser estimuladas pela intervenção adulta, devendo, no entanto, haver um equilíbrio entre a estruturação das atividades pelo adulto e a possibilidade de que as crianças possam brincar sozinhas, livres de supervisão: “O faz-de-conta emerge naturalmente como parte do desenvolvimento da criança pequena, mas seu florescimento é encorajado quando os pais e outros adultos contam histórias, lêem em voz alta ou interagem ludicamente com as crianças” (SINGER; SINGER, 2007, p. 165 *apud* GIRARDELLO, 2011, p. 81).

Ao discorrer sobre isso, Girardello (2011, p.77) afirma que, uma das “[...]condições mais favoráveis a imaginação é a possibilidade especialmente do contato da criança com a literatura e a arte”, ou seja, é valioso o contato da criança com a Arte e com a palavra, para que ela possa dar novos significados às suas criações. Em alguns aspectos, considera-se que Girardello (2011) possui uma visão um pouco romantizada sobre as infâncias, entretanto, nesse contexto, acredita-se que a Literatura e a Arte realmente possibilitam às crianças um acesso direto às produções artístico-culturais produzidas no decorrer da história da humanidade.

Por sua vez, as autoras do texto “*Entre brisas, cantos e contos: especificidades da prática docente na Educação Infantil*” (2015) fazem uma citação do NAP (Núcleo de Apoio Pedagógico): Linguagens Oral e Escrita, na qual elas destacam que:

As práticas pedagógicas devem perspectivar o desenvolvimento e construção cada vez mais rica, significativa e complexa da gestualidade infantil, das suas narrativas, desenhos e palavras para que as crianças sejam contadoras-criadoras e leitoras de histórias sem fim! Que sejam capazes de (re) inventar o mundo dos sons, dos gestos e das palavras (RODRIGUES; BALCONI; CINTRA, 2015, p. 58).

Ao narrar uma história para uma criança, o adulto contribui para a ampliar e aprimorar o desenvolvimento e a imaginação dela, estimulando-a a buscar o novo, ter outras perspectivas e fazer outras interpretações.

Fernandes em *“Imaginação e arte: o que falam as crianças sobre e enquanto desenham”* (2012), coloca que “[...] as crianças ao refletir sobre uma história atribuem novos símbolos e sentidos aos personagens” e reforça a importância de contar histórias, assim como Egan (2007) ao afirmar que:

À importância de contar histórias e estimular as crianças a ler e representá-las por meio do desenho. As narrativas são fontes de imaginação [...] As crianças por meio delas podem imaginar e criar outras possibilidades para o seu dia-a-dia. “A habilidade de acompanhar histórias estimula e desenvolve o modo narrativo da mente, e sua capacidade de criar sentidos e significados” (EGAN, 2007, p. 22 *apud* FERNANDES, p.58).

Acredita-se então que, ao ouvir uma história, a criança cria seus próprios personagens, coloca neles visões de sua própria cultura, e aspectos de si mesma, ao mesmo tempo que relaciona questões da realidade com a fantasia e a imaginação. A narrativa é importante para que a criança perceba circunstâncias de sua própria cultura.

Um dos estímulos mais importantes à imaginação infantil: a narrativa. Todos nós sabemos o quanto as histórias permitem o exercício constante da imaginação, o vôo para o mundo paralelo onde, por meio do prazer poético, as crianças estão, na verdade, “trabalhando”, ou seja, cumprindo sua tarefa fundamental de conhecer o mundo e de construírem a si mesmas. A narrativa é uma ponte entre a imaginação e a cultura (GIRARDELLO, 2005, p. 5).

Ou seja, a imaginação é uma ponte entre o vivido e a fantasia, entre a realidade e a criatividade que povoa as experiências das crianças.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

Diante dos inúmeros autores com os quais dialogamos anteriormente sobre a imaginação e os processos de criação infantil e sobre o ensino da Arte como possibilidades de ampliar o repertório artístico cultural das crianças, destacaremos agora o nosso referencial teórico, que possibilita fundamentar e dar consistência a todo o nosso estudo.

É importante pontuar que o referencial teórico permite verificar o estado do problema a ser pesquisado, sob o aspecto teórico e de outros estudos e pesquisas já realizados (LAKATOS; MARCONI, 2003). Assim, ele tem a função de nortear a nossa pesquisa, pois, após apresentarmos um embasamento da literatura já publicada sobre o mesmo tema, demonstrando que temos conhecimento em relação às pesquisas relacionadas, destacaremos uma concepção que sustente nossas discussões.

Para tanto, opta-se por fundamentar nosso trabalho na perspectiva histórico cultural, no campo da Psicologia, a partir de Vygotsky (2009).

Chamamos atividade criadora do homem aquela em que se cria algo novo. Pouco importa se o que se cria é algum objeto do mundo externo ou uma construção da mente ou do sentimento, conhecida apenas pela pessoa em que essa construção habita e se manifesta (VYGOTSKY, 2009, p. 11).

A partir dessa reflexão, entende-se que a atividade criadora pode ser tanto subjetiva quanto material, sendo assim todo ser humano é capaz de imaginar e criar a partir de seus conhecimentos e sua cultura. Entretanto, para Vygotsky (2009), a atividade criadora é diferente na criança e no adulto.

A atividade da imaginação criadora é muito complexa e depende de uma série de diferentes fatores. Por isso, é completamente compreensível que essa atividade não possa ser igual na criança e no adulto, uma vez que todos esses fatores adquirem formas distintas em diversas épocas da infância (VYGOTSKY, 2009, p. 43).

Percebe-se que tanto a criança quanto o adulto criam, imaginam e fantasiam, mas a criança está mais propensa a criar, pois ela se permite entrar no mundo da imaginação.

Quanto mais a criança viu, ouviu e vivenciou, mais ela sabe e assimilou; quanto maior a quantidade de elementos da realidade de que ela dispõe em sua experiência - sendo as demais circunstâncias

as mesmas -, mais significativa e produtiva será a atividade de sua imaginação (VYGOTSKY, 2009, p. 23).

Partindo dessa afirmação, compreende-se que quanto mais ricas forem as experiências, mais ideias a criança terá em suas criações. Mas, o que entende-se sobre imaginação? Segundo Vygotsky (2009):

[...] entende-se por imaginação ou fantasia algo diferente do que a ciência denomina com essas palavras. No cotidiano designa-se como imaginação ou fantasia tudo o que não é real, que não corresponde à realidade e, portanto, não pode ter nenhum significado prático sério. Na verdade, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, tornando também possível, a criação artística, a científica e a técnica (VYGOTSKY, 2009, p. 14).

Desta forma, a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se também nos campos da vida cultural e artística. Percebe-se então, que a imaginação é crucial na vida de todos nós, pois a cultura e a Arte são fundamentais para qualquer ser humano, tanto em seus processos de criação quanto em sua contribuição intelectual e social.

Do que foi dito, vê-se que, por sua composição, a imaginação é um processo extremamente complexo. Essa complexidade é justamente a principal dificuldade no estudo do processo de criação que conduz, com frequência, a ideias equivocadas em relação a sua natureza e ao seu caráter como algo excepcional e completamente extraordinário (VYGOTSKY, 2009, p. 35).

Portanto, diante da dificuldade em definir o que é a imaginação, por essa complexidade que a envolve. Limitamo-nos a afirmar que ela é composta por experiências, vivências e pela cultura de cada um. Quem imagina, fantasia, sonha, pensa sobre as diferentes formas de ser e estar no mundo, de se comunicar pelas diferentes linguagens e tem grande facilidade nos processos de criação.

6 METODOLOGIA

A metodologia adotada para esta pesquisa corresponde a um estudo de caso com abordagem qualitativa dos dados. O estudo de caso consiste em uma pesquisa de campo para buscar informações, conhecimentos e noções, ou até mesmo respostas a questões relacionadas a fatos que não são conhecidos pelo pesquisador. Souza (2014) pontua que

[...] o estudo de caso destina-se a analisar em profundidade um determinado caso. Ele pode estar localizado numa sala de aula; numa escola. Um sujeito pode constituir um caso; uma escola pode também constituir um caso. O que precisa ficar claro é que o estudo de caso é assim denominado quando, após um amplo levantamento de dados, constata-se que num determinado lugar há uma particularidade em relação a outros lugares (SOUZA, 2014, p. 76).

Para Godoy (1995) ele se configura como:

[...] um tipo de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente. Visa ao exame detalhado de um ambiente, de um simples sujeito ou de uma situação em particular. [...] O estudo de caso tem se tornado a estratégia preferida quando os pesquisadores procuram responder às questões “como” e “por quê” certos fenômenos ocorrem, quando há pouca possibilidade de controle sobre os eventos estudados e quando o foco de interesse é sobre fenômenos atuais, que só poderão ser analisados dentro de um contexto da vida real (GODOY, 1995, p. 25).

A escolha desse tipo de pesquisa se deu pela necessidade de irmos a campo observar o comportamento dos sujeitos a serem estudados, que, no nosso caso, foram as crianças e, a partir daí, verificar a produção dos dados, registrando-os por meio de fotografias, vídeos, anotações, registros da fala das crianças e gravações para, posteriormente, serem analisados. Verificando assim, se o que observamos vai ao encontro ou na contramão dos nossos objetivos iniciais sobre a imaginação da criança e sua expressão por meio da Arte.

Chamaremos a escola onde foi realizada a pesquisa de EMEF JPS. A escola está localizada no município de Cariacica (ES), e foram realizados seis encontros. Desses encontros, cinco foram de observação e dois foram para a minha intervenção, pois ministrei aulas para as duas turmas no mesmo dia.

6.1 A PESQUISA

O estudo de caso realizado na EMEF JPS teve duração de seis encontros, foi realizado com as turmas do 1º ano D e E do ensino fundamental I, ou seja, com crianças de faixa etária entre seis e sete anos de idade e com a professora de Arte da escola.

Na análise dos dados não será possível relatar todos os dias em que estive na escola, pois algumas das aulas foram rápidas, ou não foram pertinentes para o teor da pesquisa.

A escola está localizada em Cariacica (ES) e possui um tamanho relativamente grande, com quadra de esportes e pátio amplo. Nela não há sala de Arte, mas as salas de aula são espaçosas e contam com pias, que poderão ser utilizadas, caso seja necessário, em atividades eventuais. Notamos que, em dias chuvosos, a escola não funciona, pois, o pátio e as salas de aula ficam alagados.

Minha inserção nesse espaço teve duração de três meses e ocorreu durante as terças-feiras dos meses de abril, maio e junho. A pesquisa foi interrompida algumas vezes devido aos alagamentos na escola causados pelas constantes chuvas e também, por conta de feriados e eventos na escola. Foram cinco encontros de observação e um encontro utilizei para realizar a atividade participativa em cada uma das turmas (ambas no mesmo dia). O cronograma pode ser observado na tabela abaixo (Tabela 1).

Tabela 1 - Cronograma de atividades

| DIAS | PESQUISA 1º Ano D e E |
|-------------|---------------------------------------|
| 24/04/2018 | Observação |
| 08/05/2018 | Observação |
| 22/05/2018 | Pesquisa participativa (2 atividades) |
| 29/05/2018 | Observação |
| 05/06/2018 | Observação |
| 12/06/2018 | Observação |

Fonte: Do autor (2018).

Inicialmente buscou-se conhecer a escola e em seguida, as turmas em que seria realizada a pesquisa. Os encontros de observação consistiam em assistir as aulas de Arte e analisar as ações das crianças e da professora. Nas nossas análises, usaremos para nos referir às crianças o termo Criança A, B, C e para a Professora, o termo Prof.

Assim, após duas aulas de observação realizou-se uma atividade com ambas as turmas. A atividade se baseava na leitura de um livro de literatura infantil chamado “*O Grúfalo*” (1999), da autora Julia Donaldson. A atividade proposta se dava a partir da narrativa do livro citado, sem que mostrássemos o personagem principal. A narrativa foi feita com bastantes gestos e entonação da voz dos personagens e, após feito isso, as crianças deveriam desenhar o personagem “Grúfalo” que eles imaginaram enquanto a história havia sido narrada. Após todos os desenhos prontos, seria mostrado a eles o personagem do livro.

7 ANÁLISE DOS DADOS

No primeiro dia de observação na turma do 1º ano E, a professora desenvolveu uma atividade de dobradura, na qual as crianças deveriam dobrar um papel até chegar a forma do personagem “Rabicó”, da história Sítio do Pica pau Amarelo. Durante o processo, ao realizarem a dobradura do papel, as crianças relacionaram as formas que estavam sendo criadas no ato de dobrar o papel às formas de animais e objetos.

A criança A relatou que a dobradura iria formar um pássaro e, após dizer isso, ela parou de dobrar o papel e fez movimentos com a dobradura que remetiam a movimentos de pássaros. Esse evento nos remete a Vygotsky (2000), quando, na década de 1930, já considerava os elos genéticos existentes entre os gestos, a brincadeira, a linguagem oral e escrita. Ou seja, no exemplo dado, os gestos acompanham as narrativas, integrando um processo mais amplo do desenvolvimento da criança.

Em seguida, a criança continuou a dobrar o papel, pois o tempo era corrido e a professora pedia que prestassem atenção na atividade.

Criança A: Acho que vai ser um pássaro (fez movimentos com papel sugerindo o voo de um pássaro)

Prof.: Prestem atenção na atividade, senão, não vai dar tempo.

É interessante observar que dentro da sala de atividades, principalmente as crianças menores, quase sempre estão a imaginar e brincar com invenções de sua própria fantasia, mas frequentemente são interrompidas pela rotina de exercícios e horários cronometrados. Ostetto (2011) faz uma observação, na qual afirma que, geralmente, a imaginação da criança é impedida pela afobação rotineira.

Quantas vezes na creche/pré-escola, o professor chega submetido ao tempo, seguindo em direção contrária à calma que acolhe a imaginação, o sonho, a criação? Ah! O tempo do tic-tac-tic-tac que passa apressado, rouba o momento do devaneio, da entrega, impede a construção do olhar sensível (OSTETTO, 2011, p. 7).

Concorda-se com a ideia de que o passar apressado do tempo, frente à necessidade de se cumprir um cronograma, acaba inibindo ou repelindo os momentos de devaneios e imaginação da criança. Pode-se constatar isso também na turma do 1º ano D, onde a aula de Arte ocorre no último horário e o tempo é corrido, pois os pais

chegam para buscar as crianças e a professora, a todo momento, apressa-os para que eles consigam concluir a atividade proposta.

A professora realizou a atividade de dobradura com a turma do 1º ano E, contudo, a dobradura consistia em criar flores para a produção de um cartão para o dia das mães. Ela deu início a atividade distribuindo papéis coloridos para a produção da atividade, e orientou como deveriam realizar as etapas da dobradura. Durante o processo uma das crianças relacionou a dobradura que estava sendo feita, com um repolho, e logo a professora reforçou que não era um repolho, mas sim uma flor:

Prof.: Deixa todos dobrados em cima da mesa, todas as florzinhas dobradas em cima da mesa!

Criança B.: Florzinha?

Prof.: É!

Criança B: Até parece um repolho!

Prof.: É uma florzinha! Vai ficar assim ô ... (mostrou como ficaria a atividade).

Girardello (2011) ressalta que nessas situações:

A atitude dos adultos no ambiente em que a criança vive, assim, é outro fator de influência sobre a imaginação. O papel dos adultos como mediadores entre a criança e o ambiente físico e o clima social criados pela família ou pelas instituições educativas fazem diferença na qualidade da vida imaginativa dos pequenos (GIRARDELLO, 2011, p. 80).

É possível assentir com a autora, quando ela infere que a atitude dos adultos é um fator que exerce influência na imaginação e faz diferença na qualidade da vida imaginativa da criança. Acreditamos que se a atitude da professora fosse diferente, na situação relatada anteriormente, poderia ter sido propiciado um momento de diálogo e não de “correção” da fala da criança.

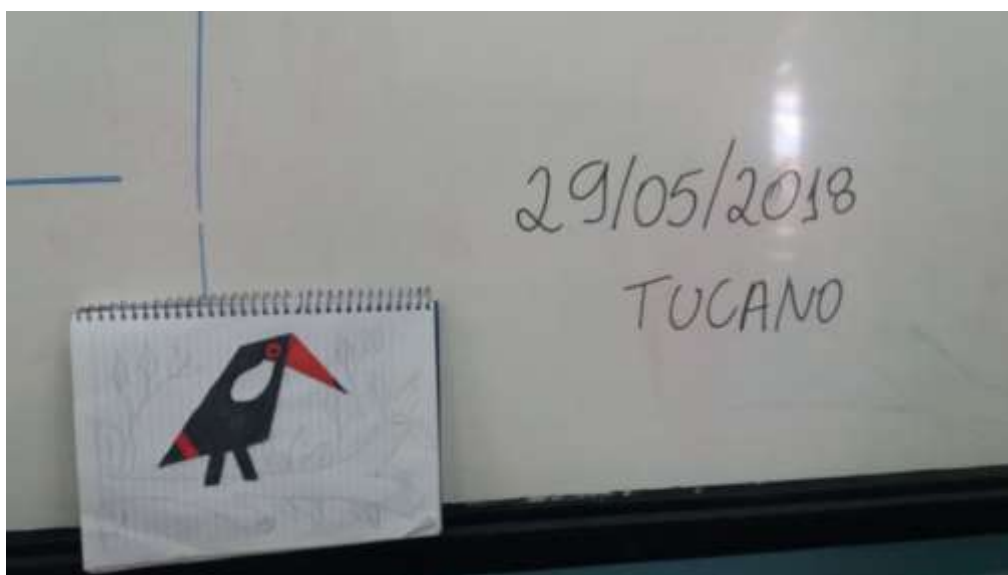
E assim, de algum modo, haveria uma participação no momento de fantasia da criança e não uma interferência no processo de imaginação. Pois entendemos que o momento imaginativo foi interrompido abruptamente. Além disso, a criança poderia imaginar e criar outras formas, outras proposições até mesmo com a ajuda da professora, caso ela estivesse preocupada com o processo de criação e não com o tempo da hora/aula.

Em uma outra aula de Arte em uma das turmas observadas, a professora pediu que as crianças realizassem mais uma atividade de dobradura, dessa vez a dobradura resultaria em um “tucano”. Ela iniciou a aula entregando para cada criança uma folha de papel sulfite para que todos seguissem o passo a passo feito por ela.

Durante a atividade me dei conta de que todas as tarefas feitas pela professora no período em que estive em observação na escola foram dobraduras, o que mudava eram os temas das aulas, com isso as crianças adquiriram uma facilidade muito grande na realização das dobraduras. Durante a atividade a professora mostrou um exemplo de tucano (Figura 1) feito por ela, e falou com as crianças que geralmente tucanos são pretos, com bico laranja, amarelo ou vermelho:

Prof: O meu eu fiz preto, branco e vermelho, mas geralmente tucano é preto, o que vai mudar é a cor do bico. Você pode fazer um bico laranja, um amarelo, vermelho. Mas o tucano vai ser preto!

Figura 1 - Tucano feito pela professora



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Após a fala da professora de que o tucano seria preto, e que iria mudar apenas as cores do bico a atividade resultou em uma série de “tucanos” iguais com bicos diferentes, como podemos observar nas imagens (Figuras 2, 3 e 4) abaixo:

Figura 2 - Tucano feito pelas crianças do 1º ano



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Figura 3 - Tucano feito pelas crianças do 1º ano



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Figura 4 - Tucano feito pelas crianças do 1º ano



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Nota-se que, pela falta de referências, todas as crianças fizeram cópias um dos outros e do trabalho sugerido pela professora. Compreende-se que se a professora trouxesse imagens de tucanos reais e mostrasse a diversidade de espécies, a atividade teria sido enriquecida e, possivelmente, resultaria em uma multiplicidade de trabalhos. Além disso, poderia trazer a poética de diferentes artistas ao retratar alguns animais, como por exemplo, os Tucanos de Gustavo Rosa (Figuras 5 e 6), refletindo com as crianças sobre as diferentes possibilidades de se expressar por meio das Artes Visuais.

Figura 5 - Tucano amarelo, preto, branco e vermelho no galho (2006)



Fonte: Instituto Gustavo Rosa.

Figura 6 - Tucano (2006)



Fonte: Instituto Gustavo Rosa.

A partir dessas observações e considerações, iniciou-se as intervenções que foi proposto para as turmas. A atividade proposta por mim e realizada nas turmas do 1º ano D e E, consistiu, como já foi apontado anteriormente, no desenho de imaginação. Esse momento foi adaptado após pesquisas sobre atividades que pudessem estimular a imaginação infantil. Nesse sentido, encontrou-se, em uma plataforma virtual de compartilhamentos de vídeo, uma atividade que instigava a criança a imaginar e a desenhar.

Desta forma, contei uma história para as duas turmas (Figuras 7 e 8), mas não mostrei para eles a ilustração do livro. Pedi que imaginassem a ilustração, para que, posteriormente, eles desenhassem o personagem que imaginaram.

Figura 7 - Contação de Histórias 1º ano D



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Figura 8 - Contação de Histórias 1º ano E



Fonte: Acervo pessoal (2018).

O livro escolhido para a realização da atividade foi o de Julia Donaldson chamado “O Grúfalo” (Figura 9), pois o próprio título se constitui em uma palavra desconhecida e que, ao nosso ver, possibilita diferentes interpretações e imagens mentais, além do fato de que ninguém nunca viu um grúfalo, o que estimulou ainda mais as crianças a pensarem e imaginarem o que seria essa criatura.

Figura 9 - Livro “O Grúfalo”, de Julia Donaldson



Fonte: Do autor (2018).

A atividade realizada baseou-se então, na narração do livro e em seguida, foi pedido para que eles desenhassem o personagem principal. Sem ver a ilustração, eles deveriam imaginar o personagem e, somente a partir da narração da história, desenhar.

O “Grúfalo” é um personagem exótico, diferente dos que temos costume de ver em histórias infantis, como cachorros, pássaros, formigas etc. Nesse sentido, exploramos a imaginação das crianças não somente com o nome “Grúfalo”, que para eles era completamente desconhecido, mas também na hora de descrevermos as partes do corpo dele, enfatizando que possuía “presas incríveis, garras terríveis, dentes horríveis!” (Figura 10).

Destacamos também os “olhos alaranjados, a língua preta e os espinhos pelas costas espetados” (Figura 11), além das “pernas ossudas, das patas peludas e na ponta do nariz uma verruga cabeluda” (Figura 12).

Figura 10 - Livro “O Grúfalo”, de Julia Donaldson

Fonte: Do autor (2018).

Figura 11 - Livro “O Grúfalo”, de Julia Donaldson

Fonte: Do autor (2018).

Figura 12 - Livro “O Grúfalo”, de Julia Donaldson

Fonte: Do autor (2018).

Buscou-se narrar a história gesticulando bastante e mudando a entonação da voz nas diferentes falas dos personagens. Após todos desenharem o que eles imaginavam que fosse um Grúfalo mostrei para turma o personagem do livro.

A reação das crianças ao ver a ilustração do livro foi de surpresa, espanto, susto e muitas risadas. No trecho abaixo, Girardello (2011) discorre sobre a importância da narrativa e da imaginação para a criação subjetiva da criança:

Um laço indissolúvel une a narrativa à imaginação, e as crianças têm necessidade das imagens fornecidas pelas histórias como estímulo

para sua própria criação subjetiva, para sua exploração estética e afetiva dos meandros do mundo. A necessidade de histórias tem sido identificada como um aspecto central na vida imaginativa das crianças. As histórias permitem um exercício constante da imaginação em seu aspecto mais visual. Isso ocorre tanto em relação aos contos literários quanto aos casos contados no meio das conversas, tão apreciados pelas crianças. (GIRARDELLO, 2011, p. 82).

Nesse processo imaginativo e criativo, podemos destacar que o interessante da atividade, é que cada criança desenhou um personagem diferente e único, a partir de uma mesma narrativa. A seguir, pode-se observar os “Grúfalos” desenhados pela turma do 1º ano D (Figuras 13 e 14):

Figura 13 - Grúfalo 1º ano D



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Figura 14 - Grúfalo 1º ano D



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Os Grúfalos acima foram desenhados por crianças do 1º ano D, e é curioso observar que cada criança trouxe uma ideia diferente de grúfalo. Na figura 13 a criança desenha um Grúfalo com características de um animal e já na figura 14 a outra criança faz o desenho com atributos de um ser humano, como a representação de duas pernas e dois braços. Porém, mesmo sem nunca ter visto um Grúfalo as duas se permitiram imaginar e inventar seus próprios personagens e trouxeram em seus desenhos traços, formas e cores do cotidiano.

Na imagem abaixo (Figura 15), ainda temos um desenho feito por uma criança do 1º ano D, que mesmo após ouvir a narração da história do Grúfalo, e ele tendo sido representado como um ser assustador, esse aluno o desenhou vestindo uma camiseta e seu corpo com características de uma pessoa. A partir da análise desses desenhos é possível notar que o que é assustador para um, pode não ser para outro, pois cada grupo tem suas experiências, seus hábitos e comportamentos singulares.

Figura 11 - Grúfalo 1º ano D



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Na turma do 1º ano E, as crianças conversavam mais enquanto desenhavam e me chamavam com frequência para mostrar como estavam ficando seus Grúfalos. Alguns desenharam criaturas com espinhos enormes (Figura 16), outros com presas incríveis e olhos amarelados (Figura 17).

Figura 12 - Grúfalo 1º ano E



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Figura 17 - Grúfalo 1º ano E



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Houve uma criança que me chamou em sua mesa para contar como ela desenharia seu Grúfalo (Figura 18). Ao me aproximar observei que ela estava fazendo dentes em toda a folha. Preferi não interferir, apenas observar o desenho, e então ela começou a tagarelar sobre o que estava pensando em fazer:

Criança A: Eu tô pensando assim ele bem peludo com camada de tartaruga, mas com espinhos... Eu tô imaginando assim ele bem brilhoso, e os dentes grandes!... Mas primeiro eu tenho né, que acabar com os dentes.

Figura 18 - Grúfalo 1º ano E



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Essa situação nos ajuda a pensar nos processos de mediação. Neste momento, ao nosso ver, a criança estava em pleno processo de criação e imaginação, pois não tinha nenhum referencial em que se apegar. Ela queria experimentar os materiais e extravasar sua imaginação por meio daquilo que fez mais sentido para ela: os dentes do Grúfalo. Comprendemos que a mediação do professor nesse momento é ouvir a criança e mostrar-se interessado pela produção, além de dar-lhe o tempo necessário para que ela possa mostrar e criar, por meio dos desenhos, aquilo que imagina.

Vygotsky (2009) escreve que a criação e a imaginação dependem da diversidade da experiência de cada pessoa:

[...] a atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para a imaginação dela (VYGOTSKY, 2009, p. 22).

É curioso observar que a mesma história foi lida para as crianças das duas turmas, mas cada uma desenhou de um jeito. Isso ocorre pelo fato de serem pessoas diferentes, com pensamentos diferentes, fantasias diferentes, sentimentos e percepções distintas, culturas próximas, mas não idênticas, vivências e experiências diversas. O que influenciou também para que cada criança imaginasse e criasse diferentes versões de um mesmo personagem, ou seja, cada criança ao produzir seu desenho coloca aspectos vividos por ela e características de sua construção cultural.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi analisar diferentes atividades artísticas, com o intuito de refletir sobre como a criança desenvolve sua imaginação e sua expressão por meio da Arte. O primeiro passo do trabalho foi identificar, através de textos e livros, pesquisas que fossem relevantes para o estudo da imaginação da criança e sua arte. No decorrer da pesquisa, encontramos poucos textos que abordavam o tema a ser tratado diretamente. Durante a leitura desses textos, o trabalho foi se ampliando e os horizontes se abrindo para que a pesquisa tomasse o rumo desejado.

Além de analisar a relação entre imaginação infantil e arte, houve o interesse em investigar sobre a importância da literatura para os processos criativos infantis e refletir sobre o ensino da Arte na infância. Ao longo desses estudos, percebeu-se que seria interessante a realização de um estudo de caso para que pudéssemos estar próximos dos sujeitos a serem observados. Então foi decidido que iriam ser assistidas algumas aulas na turma do 1º ano de uma determinada escola e duas dessas aulas seriam participativas.

Antes de iniciar a pesquisa surgiram algumas questões, sendo elas a indagação de como a atividade imaginativa da criança surge por meio de desenhos, pinturas, literatura e até mesmo em brincadeiras. Também nos perguntamos se a atitude dos adultos e do professor exerce influência ou intervém na produção artística da criança. O estudo foi fundamental para responder a essas questões, percebeu-se que toda criança imagina, fantasia, sonha, mas as que tem contato com diferentes culturas, brincadeiras e literatura ampliam seu campo imaginativo. Observamos também que, adultos e professores exercem influência na produção da criança, seja aquele Arte/Educador que não motiva a criança em sua produção, que não medeia os processos de criação ou o adulto que reprime as expressões artísticas das crianças.

A pesquisa nos fez perceber a simplicidade com que as crianças expressam seus sentimentos, suas experiências, momentos vividos ou percebidos, bem como o olhar sensível para o mundo. Por meio da pesquisa, constatamos que, à medida em que crescemos, precisamos do esforço para imaginar o que a criança vê com tanta facilidade. Vygotsky (2009) explica um pouco dessa relação entre a imaginação na criança e no adulto:

Em que então se diferenciam a imaginação da criança e a do adulto, e qual é a linha principal de seu desenvolvimento na idade infantil? Até hoje, ainda existe a opinião de que a imaginação na criança é mais rica do que no adulto. A infância é considerada a época em que a fantasia é mais desenvolvida e, de acordo com essa visão, à medida que a criança se desenvolve, sua imaginação e a força de sua fantasia diminuem (VYGOTSKY, 2009, p. 44).

A metodologia escolhida para o desenvolvimento da pesquisa foi fundamental para que as questões mencionadas acima fossem respondidas. A interação com as crianças foi imprescindível para que pudéssemos perceber como a cultura de cada um contribui de forma explícita na vida imaginativa e nos processos criativos de cada criança. Constatamos também que a bibliografia estudada não poderia ter sido outra, pois fizemos um elo significativo entre os textos escolhidos para fundamentar o trabalho e o estudo de observação.

Com a pesquisa, além de descobrir mais sobre o universo imaginativo das crianças, suas visões sobre o mundo e como acontece suas expressões por meio da arte, também descobri mais sobre mim e sobre a minha infância, e senti a necessidade e a importância de, às vezes, ver o mundo com os olhos de criança.

Diante dos olhos maravilhados da criança, a cada manhã aparece ali uma novidade: a película abre-se, um broto surge e eleva-se na direção da luz, uma pequena raiz abre caminho para baixo [...] sem que ninguém à sua volta perceba, a criança elabora hipóteses em silêncio, cria estratégias e enredos a partir do que já conhece, experimenta a liberdade radical da imaginação que, movida pela curiosidade e assegurada pelos adultos em seu ambiente, dá-lhe base para formulações cada vez mais complexas em seu conhecimento do mundo (GIRARDELLO, 2011, p. 80).

Consente-se com Girardello (2011), pois diante dos olhos da criança, a cada manhã aparece uma novidade que dá condições a ela para imaginar e pensar o mundo em que está inserida. E acreditamos que o novo move, estimula, e a provoca a continuar.

Conclui-se que a infância é a fase ideal para que as crianças possam aguçar seus conhecimentos, pois é nessa fase que elas se permitem criar fantasias a partir daquilo que conhecem, o que as leva a experimentar, a serem curiosas e a ficarem admiradas com as coisas mais simples que a vida lhes oferece.

REFERÊNCIAS

ARSLAN, Luciana Mourão, IAVELBERG, Rosa. **Ensino de arte**. Coleção Ideias em ação. (Coord. Anna Maria Pessoa de Carvalho). São Paulo: Thomson Learning, 2006.

BARBOSA, Mariana Neves Silva. **Criação, imaginação e expressão da criança: caminhos e possibilidades do desenho infantil**. Disponível em: <<https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestradoeducacao/dissertacao%20Marina%20Neves%20Silva%20Barbosa.pdf>> Acesso em 07 de abril de 2018, as 18:40.

DE VARGAS RODRIGUES, Andréa; BERNAL BALCONI, Nina; CINTRA, Simone. **Entre brisas, cantos e contos: especificidades da prática docente na Educação Infantil. Zero-a-Seis**, Florianópolis, v. 17, n. 31, p. 43-67, mar. 2015. ISSN 1980-4512. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2015n31p43/28939>>. Acesso em: 07 abr. 2018. doi: <https://doi.org/10.5007/1980-4512.2015n31p43>.

DERDYK, E. **Formas de pensar o desenho: desenvolvimento do grafismo infantil**. São Paulo: Scipione, 1989.

DITTRICH WIGGERS, Ingrid. CULTURA CORPORAL INFANTIL: MEDIAÇÕES DA ESCOLA, DA MÍDIA E DA ARTE. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, SC, v. 26, n. 3, Jul. 2008. ISSN 2179-3255. Disponível em: <<http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/160>>. Acesso em: 21 Abr. 2018.

DONALDSON, Julia. **O Grúfalo**. Ilustrado por Axel Scheffler: Tradução Gilda de Aquino.-2.ED.REV. Título original: The Gruffalo. ISBN:978-85-7412-028-7.

EGAN, Kieran. Porque a imaginação é importante na educação? In: FRITZEN Celdon, CABRAL, Gladir S. (Orgs.). **Infância: Imaginação e educação em debate**. Campinas: Papyrus, 2007. p. 11-38.

FERNANDES, Graziela Tomé. **Imaginação e arte: o que falam as crianças sobre e enquanto desenham.** Disponível em: <<http://repositorio.unesc.net/bitstream/1/1075/1/Graziela%20Tom%C3%A9%20Fernandes.pdf>> Acesso 07 de abril de 2018, as 21:40.

FERREIRA, Aurora. **A criança e a arte: o dia-a-dia na sala de aula**, 2 ed. Rio de Janeiro: Mak Ed., 2007.

IABELBERG, Rosa. **Interações entre a arte das crianças e a produção de arte adulta.** Disponível em: <<http://www.anpap.org.br/anais/2008/artigos/129.pdf>> Acesso em 14 de Março de 2018, as 16h17.

GIRARDELLO, Gilka. **Imaginação: arte e ciência na infância.** Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v22n2/v22n2a07>> Acesso em 13 de Março de 2018, às 14h00.

_____. **O florescimento da imaginação: crianças, historias e tv.** Disponível em: <<https://philpapers.org/archive/GIRAIN.pdf>> Acesso em 19 de abril de 2018, às 19:42

GOBBI, Marcia, LEITE, Maria Isabel. **O desenho da criança pequena: distintas abordagens na produção acadêmica em diálogo com a educação.** Disponível em: <http://biblioteca.esec.pt/cdi/ebooks/docs/Gobbi_desenho.pdf> Acesso em 17 de março de 2018, às 13h50.

GODOY, Arilda Schmidt. **Pesquisa Qualitativa tipos fundamentais.** Revista de Administração de Empresas. São Paulo, v.35, n.3,p.20-29, Mai/Jun.1995.

GÓES, Margarete Sacht; GONTIJO, Claudia M. M. **Produção de textos com crianças na educação infantil.** Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/21812>> Acesso em 20 de abril de 2018 às 23:15

_____. **Relações entre desenho e escrita no processo de produção textual.** In: Educação Unisinos. Maio/agosto 2017. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/viewFile/edu.2017.212.11/611>> Acesso em 18 Março de 2018, às 14h30.

GUSMÃO, N. M. M. **Linguagem, cultura e alteridade:** imagens do outro. In: Cadernos de Pesquisa. São Paulo: Fundação Carlos Chagas / Autores Associados, n. 107, jul. 1999

LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, Lambert W. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Mestre Jou, 1977

OLIVEIRA, Mónica. **A expressão plástica para a compreensão da cultura visual.** Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/717/3/SeE12A_ExpressaoMonica.pdf> Acesso em 19 de abril de 2018, às 18:42.

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Educação infantil e Arte:** sentidos e práticas possíveis. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf>> Acesso em 29 março de 2018, às 15h:50.

RICHTER, S. **Manchando e narrando:** o prazer visual de jogar com cores. In: CUNHA, S. R. V. da (Org.). Cor, som e movimento. Porto Alegre: Mediação 1999 (p. 37-58)

SOUZA, Maria Antônia de. **Metodologia da Pesquisa em Educação.** Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2009. 117p. il. Reimpressão 2014.

VYGOTSKY, Lev S. **Imaginação e Criação na Infância.** Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

_____. **Imaginação e Arte na Infância.** Relogio D'água Editores, Janeiro de 2009.